

Resenha

— Ilane Ferreira Cavalcante



Governo Federal
Ministério da Educação

Projeto Gráfico

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

EQUIPE SEDIS | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais

Vera Lucia do Amaral

Coordenador de Edição

Ary Sergio Braga Olinisky

Coordenadora de Revisão

Giovana Paiva de Oliveira

Design Gráfico

Ivana Lima

Diagramação

Elizabeth da Silva Ferreira

Ivana Lima

José Antonio Bezerra Junior

Mariana Araújo de Brito

Arte e ilustração

Adauto Harley

Carolina Costa

Heinkel Huguenin

Leonardo dos Santos Feitoza

Revisão Tipográfica

Adriana Rodrigues Gomes

Margareth Pereira Dias

Nouraide Queiroz

Design Instrucional

Janio Gustavo Barbosa

Jeremias Alves de Araújo Silva

José Correia Torres Neto

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Revisão de Linguagem

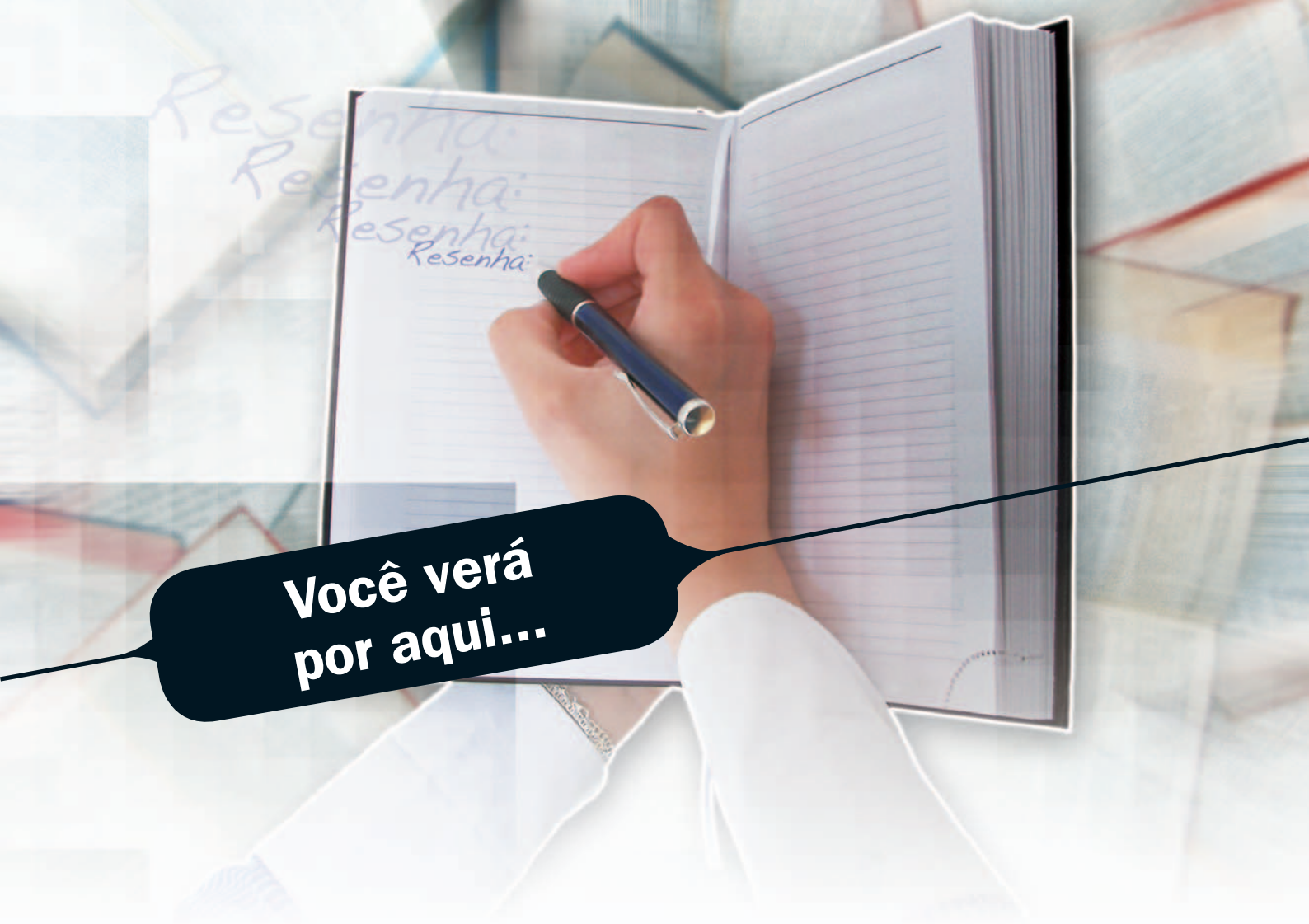
Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Adaptação para o Módulo Matemático

Joacy Guilherme de Almeida Ferreira Filho

A hand holding a blue pen is writing the word 'Resenha' in a notebook. The notebook is open, and the word is written multiple times on the left page. The background is a blurred image of a desk with books and papers.

Você verá
por aqui...

Considerações acerca da resenha como um dos gêneros técnicos, científicos e acadêmicos. As aulas anteriores abordaram o fichamento e o resumo e você vai ver que ambos serão úteis na elaboração de uma resenha, que pode ser um gênero um pouco mais complexo. Você conhecerá a estrutura ideal de uma resenha, verá que ela é um gênero que faz parte de seu dia a dia e terá acesso a orientações necessárias para elaborar uma.

Objetivos

- Compreender a resenha como um dos gêneros técnicos, científicos e acadêmicos.
- Conhecer a estrutura prototípica de uma resenha, seus diferentes tipos e formatos e seus elementos básicos.

Para começo de conversa...

Diva Cunha

➔ (1947) nasceu em Natal/RN e é professora aposentada de literatura da UFRN. Escreveu, entre outros livros: Dom Sebastião: a metáfora de uma espera (1970), sua dissertação de mestrado e os livros de poesia Canto de Página (1986), Coração de Lata (1996) e Armadilha de vidro (2004).

Intertextualidade

➔ pode ser definida como um “diálogo” entre textos. Esse diálogo pressupõe um universo cultural amplo e complexo, pois implica na identificação e no reconhecimento de remissões a obras ou a trechos mais ou menos conhecidos. Dependendo da situação, a intertextualidade tem funções diferentes que dependem dos textos/contextos em que ela é inserida. Mas sempre que um texto referir-se ou remeter a outro texto está-se diante, em maior ou menor grau, do fenômeno da intertextualidade.

Sou todos
os poetas que li
com a devida
ressalva
eles não sou eu
cadeira que ocupo
enquanto escrevo

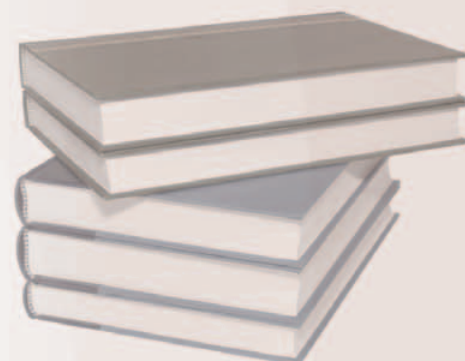
(Diva Cunha – *Canto de Página*).

O poema da poetisa potiguar fala de como o que ela escreve tem uma base naqueles autores que ela leu ao longo de sua vida, mas ela faz a ressalva, apesar de ser resultado de tudo o que ela leu, seus poemas não são iguais aos dos outros autores, são diferentes, são dela, é o ponto de vista dela sobre o mundo. Diva Cunha aborda aqui a questão da **intertextualidade**, que está ligada ao que vamos tratar nesta aula. Falaremos justamente de como os textos dialogam entre si e de como há textos que são elaborados, justamente, para comentar, criticar, indicar, discutir outros textos.

Sobre resenhas

O termo resenha é muito utilizado em algumas regiões do país para referir-se a “fofocas”, “novidades”, algo assim. Mas o seu uso técnico, científico e acadêmico diz respeito a um gênero textual. Como tal, a resenha é um texto que tem a função de apresentar outro texto, o qual pode ser um livro, um filme, um cd etc.

Você já deve ter lido resenhas ao folhear revistas ou jornais e, muitas vezes, ela pode ter sido a responsável por você ter escolhido assistir a um filme ou comprar um livro. O objetivo da resenha nesse tipo de veículo é servir de guia para o leitor na selva de textos que compõe a produção cultural diária e que tende a confundir até os mais familiarizados leitores.



Nesse tipo de resenha mais livre, você encontra não só uma sinopse do que vai encontrar naquele texto que está sendo apresentado, mas algumas críticas que podem servir de direção geral para a sua compreensão do texto original. Assim, um bom resenhista, além de saber fazer um bom resumo, gênero que vimos na aula anterior, também deve saber expressar-se criticamente, equilibrando seu posicionamento crítico de forma elegante, isto quer dizer que não se deve elaborar uma resenha com o objetivo de, apenas, reclamar de um determinado texto que o resenhista achou ruim, é preciso ter bons argumentos, tanto para elogiar, quanto para reclamar do texto resenhado.

Como um exercício de escrita, a resenha pode ser bem importante. Ela é útil como instrumento para o levantamento bibliográfico ou para estabelecer prioridades de leitura, ou ainda para estabelecer a necessidade de fichar ou não o texto original. Além disso, propicia o desenvolvimento da mentalidade científica: da capacidade de síntese, de interpretação e de desempenho crítico.

Elementos básicos de uma resenha

Já vimos, em linhas gerais, como pode ser uma resenha e mais adiante veremos também que existem alguns tipos mais padronizados. Contudo, há alguns elementos básicos comuns a todos os tipos de resenha, a saber:

- 1. Identificação da obra:** você deve colocar os dados bibliográficos essenciais do texto que você vai resenhar.
- 2. Apresentação da obra:** a ideia é passar para o leitor, em poucas palavras, todo o conteúdo do texto resenhado.
- 3. Identificação do autor:** na resenha você apresenta o autor da obra que foi resenhada (não do autor da resenha que, no caso, é você). Fale brevemente da vida e de algumas outras obras desse autor.
- 4. Descrição da estrutura:** comente, se o texto resenhado for um livro, a divisão em capítulos; no caso de outros gêneros, se há diferentes seções, qual o foco narrativo ou mesmo, de forma sutil, o número de páginas do texto completo.
- 5. Descrição do conteúdo:** resuma de forma clara, precisa e objetiva, o enredo, ou seja, o conteúdo do texto original.
- 6. Recomendação da obra:** com base na apresentação geral da obra, feita até agora, recomende-a. Procure não se basear em uma mera opinião, analise, de forma bem clara, para quem aquele texto pode ser útil. Utilize critérios sociais ou pedagógicos, baseie-se na idade, na escolaridade, na renda etc.
- 7. Assine e identifique-se:** só agora, após o último parágrafo, você deve escrever seu nome e apresentar seu currículo breve, algo como: “João Maria Gaspar, aluno do segundo período do curso Atividades do Comércio”.



Praticando...

1

Retome o conteúdo estudado, respondendo às questões a seguir:

- 1.** O que é resenha?
- 2.** Qual a intenção comunicativa desse gênero textual?
- 3.** Quais são os elementos básicos de qualquer tipo de resenha?

Tipos de resenha

Sobre os tipos mais padronizados de resenha, a mais conhecida delas é a **resenha acadêmica**, que apresenta moldes bastante rígidos, responsáveis pela padronização dos textos científicos e também se subdivide em três diferentes formatos: **resenha crítica**, **resenha descritiva** e **resenha temática**.

Resenha crítica

A **resenha crítica**, como o próprio nome já diz, apresenta um elemento a mais quanto ao conteúdo: um posicionamento crítico. Ao longo do texto você vai mostrar sua opinião acerca de sua qualidade e importância. É evidente que você não deverá demonstrar sua opinião apenas com base no que você acha. Argumente, baseando-se em teorias de outros autores, fazendo comparações ou até mesmo utilizando-se de explicações que foram dadas em aula. Enfim, dê asas ao seu senso crítico.

Justamente por causa desse aparato crítico, autores como Medeiros (2003, p. 158) advertem para o fato de que a resenha crítica é tarefa para professores e especialistas, pois exige:

- a)** envolvimento com o assunto;
- b)** conhecimento de obras similares para estabelecer comparação;
- c)** maturidade intelectual, uma vez que implica avaliação e inevitável juízo de valor.

A resenha crítica consiste em agregar, aos demais elementos de conteúdo apresentados no tópico anterior, os seguintes elementos:

- a)** avaliar as informações contidas na obra e a forma de apresentação;
- b)** justificar a avaliação.

Observe o texto a seguir, exposto no exemplo 1. Ele é bem didático, pois foi, originalmente, dividido em partes que demonstram a estrutura típica de uma resenha crítica.

Exemplo 1

Quotidiano e Poder

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX:** Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Brasiliense, 1984.

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

A autora Maria Odila Leite da Silva Dias possui graduação em História (1961), mestrado (1965) e doutorado em História Social (1972) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo e professora doutora contratada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia, história social, história urbana, escravidão, relações de gênero e cultura.

RESUMO

O livro “Quotidiano e poder” é dividido em Introdução e sete capítulos; sendo que na introdução a autora aborda as explicações do seu objeto de estudo. Discorrendo de forma sucinta faz um apanhado geral da obra.

Partindo do pressuposto de que a mulher sempre esteve à margem da história, relegadas ao campo do mítico, os historiadores muitas vezes a vêem como meras coadjuvantes, e não como algo importante dentro da história.

A obra em foco busca pôr em evidência as relações femininas cotidianas na sociedade paulista do século XIX. Faz isso por meio da análise de fontes da época. Segundo a autora, para descobrir as riquezas das relações sociais femininas é necessário esmiuçar as informações, ler as entrelinhas do documento, filtrar aquilo que o documento não necessariamente se propôs a relatar.

A história do cotidiano vem se revelando um campo profícuo de estudo historiográfico. Através dele podemos perceber os inúmeros elementos que formam a sociedade e, por conseguinte a vida da mesma.

O comércio voltado para a exportação, que com os seus lucros ou com sua produção pouco favorecia à cidade, contribuía para o inchaço da mesma. Inchaço esse que aumentava a pobreza e a mão-de-obra.

As mulheres enquadravam-se dentro dessa realidade, assim como os demais elementos sociais sofriam com os problemas da época, especificamente no caso do mercado de trabalho, sofriam em dobro, pois eram poucos os estabelecimentos em que poderiam trabalhar.

Contudo “essas mulheres pobres, sós ou chefes de famílias” precisavam de uma forma de trabalho para conseguir o seu próprio sustento e dos seus dependentes. O trabalho autônomo temporário fora a solução encontrada; eram elas as quitandeiras, vendedoras de tabuleiros, lavadeiras, artesãs, entre outras profissões consideradas de âmbito feminino, por isso mesmo, desvalorizadas, desempenhadas à margem do trabalho patronal e assalariado.

Esses trabalhos eram forjados na relação de vizinhanças; na conversa de porta de casa, nos velórios e nas visitas, eram espalhados e ganhavam maiores proporções. Essas ocupações eram um desdobramento do doméstico, pois tais afazeres principiavam como um trabalho interno e só posteriormente ganhavam espaço do público.

Essas mulheres disseminaram suas atividades nas partes mais variadas do espaço urbano, concentrando-se muitas vezes em lugares considerados inadequados, tornando-se incômodas aos moradores e aos comerciantes locais, pois, segundo os documentos, elas atraíam pessoas, produziam barulho, e por venderem a preço abaixo do estabelecido provocavam perdas ao comércio. O processo que as gerou foi o mesmo que as expulsou para fora do centro, relegando a elas o setor periférico.

No primeiro capítulo a autora discute o espaço reservado a essas mulheres pobres e a relação de Tolerância para com elas, buscando entender o porquê de algumas vezes poderem circular entre os diversos locais da cidade e possuírem certa autonomia para trabalhar e, em outras, serem repreendidas.

Nesta mesma parte do texto podem-se perceber as inúmeras teias de relações desses sujeitos sociais: o compadrio, a amizade, a vizinhança, o concubinato, a proteção, tais relações que formavam uma rede de proteção em redor dessas desprovidas.

A palavra falada era elemento essencial no cotidiano dessas mulheres, como já foi dito anteriormente, eram nos bate-papos que os negócios se

engendravam, também era por meio da fala (ou grito) que as vendedoras anunciavam suas vendas, entre outras atividades.

Assim como a fala, os gestos, os trejeitos próprios, são fontes com que o historiador não poderá contar, pois, esvaíram-se no tempo.

Contudo as fontes escritas, se bem observadas, revelam parte desse passado perdido, como é o caso dos processos de prisões de mulheres acusadas de desordem, bagunça e difamação moral. Os ouvidos atentos poderão ouvir esses gritos, talvez não como realmente foram, mas, com alguma similitude com o original.

A pouca documentação em relação ao modo de vida dessas mulheres deve-se ao fato da visão preconceituosa da época, suas atividades eram subestimadas, seus modos de vidas considerados devassos, as suas relações amorosas poucos duradoras aumentavam ainda mais este preconceito. Porém, através da escassa documentação, percebemos a intensidade dessas vidas e quanto elas eram ativas no seio da sociedade.

Essas mulheres não eram partes de um único grupo, existia uma grande diversidade entre elas: mulheres brancas empobrecidas, moças brancas sem dotes, mulatas agregadas, negras escravas, negras forras, brancas agregadas. Mulheres que “viviam de suas agências”, e travavam batalha diária pela sobrevivência.

Famílias matrilineares, tendo como chefe uma senhora já de idade avançada, mãe de homens e mulheres, sendo que estas tinham grande tendência a seguir os passos das mães. Dos seus relacionamentos amorosos poucos duradouros nasciam frutos, crianças que se tornam membros da família e partícipe da renda familiar.

No capítulo seguinte, a autora aborda as formas utilizadas por essas mulheres para ludibriar a lei, seus meios de contornar as situações. As padeiras possuíam escravas ou agregadas que vendiam seus produtos nas ruas. Para que pudessem transitar livres havia a necessidade de pagar anualmente uma licença e ajustar os pesos e medidas, coisa que muitas vezes eram desrespeitadas, principalmente nos momentos de crises, quando as despesas aumentavam. São muitos os casos de problemas com a prisão de escravas por estarem vendendo nas ruas sem a licença devida.

As resistências vinham em forma de não cumprimento do preço determinado, o não pagamento da licença, greves camufladas, entre outros recursos.

As quitadeiras e vendedoras ambulantes eram mulheres que possuíam meios de obter acesso aos alimentos de primeira necessidade, e revendiam esses alimentos na maioria das vezes abaixo do preço estabelecido, burlando as leis e com isso provocando a fúria dos donos de armazéns sobrecarregados de impostos.

No capítulo denominado “o mito da dona ausente”, Maria Odila comenta a crença difundida no imaginário da época onde a mulher branca de sangue puro devia viver para o seu lar, sempre cercada por escravas, e que pouco precisava sair nas ruas e quando saísse, deveria procurar se expor o mínimo possível. Segundo a visão da época essas senhoras, exemplo de recato, contrastavam com as mulatas da terra que viviam exibindo sua sensualidade. Entretanto, há outras explicações para o relativo enclausuramento privado dessas senhoras, segundo a autora “sair de casa implicava elaborado ritual de palanquins, liteiras e redes lavradas...”

Nos dois capítulos seguintes, há uma abordagem sobre quem eram essas mulheres: as brancas empobrecidas, envergonhadas do trabalho que precisavam realizar diariamente, vivendo em casa de aluguel sem poder ao menos manter a aparência de dama da sociedade, rechaçadas do ciclo social a que outrora pertenceram. Moças sem dotes, aceitando viver em concubinato. Escravas e forras vivendo do comércio clandestino, tendo como donas ou “patroas” senhoras brancas empobrecidas; mulatas vivendo do seu próprio negócio; escravas morando de aluguel, pago por sua dona; relação de prostituição para complementar a renda.

Nos últimos capítulos, a autora reitera alguns pontos expostos na obra, como a família matrifocal, os agregados, a dependência dos filhos em relação às mães. E repassa novas informações; essas mulheres eram olhadas inúmeras vezes como bruxas, detentoras de poderes supra-humanos, principalmente aquelas que utilizavam a sabedoria popular para curar os males do corpo.

ANÁLISE CRÍTICA

No livro “Quotidiano e poder”, Maria Odila Leite da Silva Dias busca um novo enfoque para entender a sociedade paulista do século XIX. Demonstrando assim que há muitas histórias nas entrelinhas da história oficial, a qual tende a revelar e perpetuar a versão dos vencedores.

O seu objeto de estudo “os papéis sociais das mulheres” revela minúcias muitas vezes despercebidas pelos historiadores do período, que aspiram abarcar o todo e tendem inevitavelmente para as generalizações, repetindo

as “verdades prescritas” sem procurar de fato entender a enorme diversidade dos acontecimentos.

“Quotidiano e poder” faz parte de um grupo de trabalhos que enxergam a história como uma construção de vários sujeitos. Ao lê-lo, percebemos como essas mulheres estavam presentes ativamente no cotidiano dessa sociedade, apreendemos suas vidas, suas artimanhas, seu labor, suas dificuldades diárias, seu respeito ou rechaço às convenções.

Fonte: Tetê Castilho. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhasdelivros/1117660>>.

Acesso em: 2 mar. 2009.

Observe que, para efeito de publicação, uma resenha crítica sempre apresenta título, não necessariamente o título do livro que vai ser resenhado, embora seja esse o caso da resenha apresentada no exemplo 1, mas um título que diga respeito ao teor da resenha.

Resenha descritiva

A **resenha descritiva** é bem mais simples que a resenha crítica. Ela apresenta a maioria dos elementos apresentados no primeiro tópico desta aula. Mas nenhum juízo de valor sobre a obra. Aliás, nenhum é impossível, pois ao escolhermos vocabulário e formas de apresentar o texto já estamos exercendo um juízo de valor. Mas não há intenção clara, nesse tipo de resenha, de apresentar um posicionamento crítico.

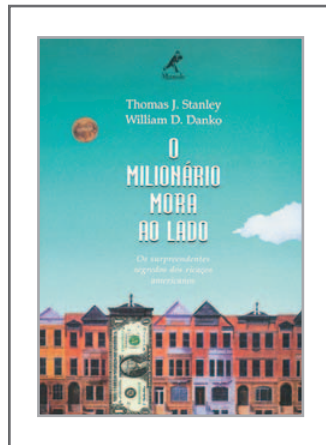
Conforme Fiorin e Savioli (1990, p. 426), “a resenha pode ser puramente descritiva, isto é, sem nenhum julgamento ou apreciação do resenhador”.

Esse tipo de resenha deve conter, então, uma parte descritiva com informações sobre o texto (autor, título, editora, local e data); e uma parte com o resumo do conteúdo da obra (assunto tratado, ponto de vista adotado, perspectiva teórica, gênero, método, entre outros). Cabe ainda uma síntese apontando os pontos essenciais do texto e seu plano geral.

Exemplo 2

O Milionário mora ao lado, de Thomas J. Stanley

Publicado em 18.01.2008 na categoria Finanças, Resenhas



Você sabia que a grande parte dos milionários dos Estados Unidos não fizeram fortuna criando empresas ou produtos inovadores e sim economizando centavos e levando uma vida frugal?

Essa é apenas uma das informações reveladoras feitas em O Milionário mora ao lado, livro que é resultado de uma pesquisa de anos do autor Thomas J. Stanley sobre como os milionários norte-americanos conseguiram juntar o tão mitificado patrimônio líquido de um milhão de dólares.

A obra mostra quem são os ricos, quais as suas ocupações, onde fazem compras, como fazem investimentos, como ficaram ricos, quais os setores de maior perspectiva para obter-se lucros e muito mais.

Um dos pontos interessante é quando o autor mostra como esses milionários compram seus carros ou como a herança que deixam para seus filhos podem colocá-los em grandes problemas em vez de ajudá-los.

Para quem gosta de ler sobre finanças, mas não suporta nada que passe perto de auto-ajuda, o livro de Stanley – sempre baseado em dados obtidos em sua pesquisa científica – é uma excelente opção de leitura.

Fonte: <<http://fatorw.com/resenhas/o-milionario-mora-ao-lado-de-thomas-j-stanley/>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

Observe que a resenha apresentada no exemplo 2 procura apenas indicar para o leitor dados técnicos sobre o livro resenhado (autor, editora, ano de publicação) e, em linhas gerais, o conteúdo do livro em questão. Mas, mesmo assim, não é puramente descritiva, pois há um posicionamento do resenhista sobre o livro: “Um dos pontos interessantes...” e “... é uma excelente opção de leitura”. É muito difícil uma resenha ser puramente descritiva, pois, mesmo na mera escolha do vocabulário, há um posicionamento crítico do resenhista na elaboração do texto.

Resenha temática

A **resenha temática** é a mais simples dos três formatos de resenha, sua principal diferença em relação às demais é que nela você fala de vários textos que tenham um tema em comum e não de um só texto, como nas anteriores.

Os passos para a elaboração desse tipo de resenha são mais simples, pois você não precisa tecer considerações críticas nem recomendar a leitura, a não ser que você queira recomendar algum dos textos que está apresentando. Por ser um pouco diferente das demais, vamos ver os passos fundamentais na elaboração desse tipo de resenha:

- 3. Apresentação do tema:** diga ao leitor qual é o assunto principal dos textos que você apresentará ao longo de sua resenha e qual o motivo de ter escolhido esse tema em particular.
- 4. Resumo dos textos:** procure não se alongar muito no resumo dos textos, também não fale mais sobre um texto do que sobre outro, a não ser que haja um motivo específico para isso. O ideal é que você estabeleça um parâmetro de igualdade na apresentação de cada texto, pode ser um parágrafo para cada um, por exemplo. Procure deixar claro, logo no início, quem é o autor daquele texto e explicar como aquele autor aborda o tema em questão.
- 5. Conclusão:** após explicar cada um dos textos, você pode opinar e tentar relacionar esses diferentes textos, de forma a chegar a uma conclusão sobre o tema tratado.
- 6. Identificação das fontes:** coloque as referências bibliográficas de todos os textos que você usou e procure seguir as normas da ABNT para isso.
- 7. Identificação do resenhista:** em geral, como nas demais resenhas, isso ocorre fora do texto propriamente dito, em rodapé. Você deve colocar seu nome e uma breve descrição sobre o seu currículo.

Veja um exemplo de resenha temática bem simples apresentado no exemplo 3, a seguir.

Exemplo 3

Humor à francesa – 7 comédias cult do cinema francês

Direto ou dissimulado, bobo ou irônico: o riso, próprio do homem segundo Rabelais, sempre teve como terreno fértil a nossa absurda e humana condição. Portanto, não surpreende que tenha achado no cinema, que decifra incessantemente o ser humano, um de seus modos de expressão mais naturais.

O riso é universal. Seus estopins e seus caminhos são complexos e multiformes, reflexos de uma cultura, uma época, uma sociedade. Uma boa comédia resulta de uma alquimia e de um trabalho dos quais só alguns visionários detêm o segredo. Ou seja, fazer rir é um negócio dos mais sérios e difíceis!

Nós temos o prazer de oferecer ao público algumas fatias de humor à francesa que alegremente descortinam nossa sociedade: sua história (Asterix e Obelix: Missão Cleópatra, Os Visitantes), seus costumes (Brice de Nice, O Barco da Liberdade), seus excluídos (Papai Noel é um Picareta), seus tabus (Uma Cama para Três)... E, esse conjunto, numa variedade de estilos: entre o trash (Bernie), o kitsch (Os Bronzeados), o politicamente incorreto (Papai Noel é um Picareta), o filme de autor (O Barco da Liberdade) e assim por diante.

O painel oferecido pelo ciclo permite também perceber a evolução do cinema cômico francês: a velha guarda – os De Funès, Bourvil, Fernandel – veio do music-hall. A geração seguinte veio do café-teatro, especialmente da trupe do Splendid (Os Bronzeados, Papai Noel é um Picareta). Desde os anos 90, a televisão se tornou laboratório do humor à francesa: Alain Chabat (ator no filme Uma Cama para Três e diretor de Asterix e Obelix: Missão Cleópatra), Jean Dujardin (Brice de Nice) ou Jamel Debbouze (Asterix e Obelix: Missão Cleópatra) são os exemplos mais famosos do momento.

Mas, atrás do ecletismo, os filmes apresentados aqui possuem uma mesma característica: o enorme sucesso de público. Dentre eles, Os Visitantes (14 milhões de pagantes!), Asterix e Obelix: Missão Cleópatra (10 milhões) ou o mais recente, Brice de Nice (4,5 milhões). A maior parte é de filmes cult na França, alguns são verdadeiros fenômenos de sociedade como Os Bronzeados, que a cada nova exibição na TV (quase uma por ano) tem mais de 10 milhões de telespectadores! O terceiro episódio da série, que acaba de estrear na França, conquistou 11 milhões de espectadores.

Fonte: <<http://www.cinefrance.com.br/cinemateca/colecoes/?coleccion=7>>. **Acesso em:** 2 mar. 2009.

Obviamente, o texto exposto no exemplo 3 não está preocupado em divulgar ou apresentar um filme, um livro, um cd. Está, sim, apresentando uma coleção de 7 filmes franceses reunidos sob um mesmo tema: o humor. Os filmes representam, cada um em sua época e em seu estilo, o tipo de humor específico do cinema francês sobre o qual a resenha trata. Não há no texto uma preocupação em identificar o resenhista porque o texto pertence a site oficial da embaixada francesa, que pretende divulgar a cultura daquele país. Mas há, por exemplo, a apresentação breve de cada um dos filmes comentados, a apresentação e a problematização do tema (os dois primeiros parágrafos), o estabelecimento de relações entre os filmes comentados e a conclusão com recomendações sobre os filmes (um é *cult*, outro alcança 10 milhões de espectadores etc.).

Por ser um texto muito breve, evidentemente não há aprofundamento sobre o tema explorado e, por ser apenas um texto de divulgação, também não há a preocupação com a indicação das fontes ou com a ABNT, aspectos que são mais comuns em textos de natureza técnica, científica e acadêmica.

Condições para se fazer uma resenha

Agora que você já conhece os diferentes tipos de resenha, já está preparado para elaborá-las, assim, vamos ver, de forma mais resumida, então, quais são os elementos gerais necessários para a elaboração de uma resenha. Medeiros (2003, p. 160/162) propõe “condições de abordagem e inteligibilidade” que servem para “qualquer texto”, na verdade. Vamos a elas:

1. Delimitar a extensão da leitura

Intuitivamente fazemos isto: caminhamos por etapas como quem sobe uma escada. Vale, por vezes, saltar degraus, valendo-se de muita segurança. Nesta circunstância, o efeito do tombo, se for o caso, será sentido muito depois. Isso quer dizer que você só deve alterar a ordem dos passos que temos dado ao longo desta aula, se souber muito bem como retomar o caminho sem se perder, se tiver segurança na elaboração de seu texto e no assunto sobre o qual você está tratando.

2. Análise textual

Compreende fases que não permitem o menor descuido:

- a) estudo do vocabulário e conceitos;
- b) verificação das doutrinas expostas;

c) sondagem de fatos apresentados;

d) autoridade de autores citados;

O seu texto, como qualquer outro, deve ser esquematizado e dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão.

3. Análise temática

Evidencia pontos importantes:

a) assunto de que trata o texto;

b) tema, isto é, a perspectiva em que foi tratado o assunto;

c) problema evidenciado no assunto;

d) a tese, isto é, como foi solucionado o problema.

4. Análise interpretativa

Entram a posição própria do autor da resenha sobre as ideias do autor do texto resenhado. A argumentação daquele deve se orientar, também, por ideias de outros textos similares. Acrescenta Medeiros (2003, p.161): “Deve-se situar o autor dentro de sua obra e no contexto da cultura de sua área. Destacam-se as contribuições originais”.

5. Problematização

Consiste em explicitar as questões levantadas pelo texto.

6. Síntese

Deve abordar todas as fases anteriores com concisão e originalidade, de forma a concluir o assunto e, com ele, o texto.



Praticando...

2

- 1.** Estabeleça a diferença entre resenha crítica, descritiva e temática.
- 2.** Explique como se dá a presença da análise textual e da análise interpretativa em uma resenha.

3. Escolha exemplos, extraídos de resenhas, que representem a delimitação da extensão da leitura, a problematização e a síntese.
4. Identifique, na resenha abaixo, os seguintes elementos:
 - a) gênero do texto resenhado;
 - b) autoria do texto resenhado;
 - c) resumo do texto;
 - d) recomendação da obra;
 - e) traços da opinião do resenhista.

ALMAS REENCARNADAS

De Takashi Shimizu

Com Yûka, Takako Fuji, Mantarô Koichi, Marika Matsumoto, Tomoko Mochizuki, Kippeï Shiina

Terror

Diretor começa a selecionar atores para seu próximo filme, baseado na história real de doze pessoas que foram assassinadas em um hotel. Enquanto as filmagens acontecem, atriz principal começa a suspeitar de uma profunda ligação dela com o episódio ocorrido anos atrás ao mesmo tempo em que fantasmas do passado resolvem aparecer. Mais um típico filme de terror japonês, que aposta nos mesmos sustos de sempre, ou seja, crianças como assombrações, espíritos querendo justiça, etc. No começo da trama, há elementos interessantes mas aos poucos o filme se perde em histórias paralelas, cenas monótonas e sustos óbvios. Sem falar de alguns efeitos especiais toscos que fazem algumas cenas beirarem o ridículo.

Fonte: <<http://wcinema.blogspot.com/2006/12/resenha-de-filmes-13.html>>. **Acesso em:** 2 mar. 2009.

Estrutura da resenha

Conforme Lakatos e Marconi (1985, p. 210-220) e Andrade (1987, p. 62-63), podemos estabelecer o esquema básico de uma resenha, ou seja, o esqueleto de uma resenha, tendo como suporte as condições e os elementos básicos que apresentamos ao longo desta aula e que, nesse esqueleto, aparecem de forma ainda mais resumida. Observe que os itens “f” e “g” não seriam próprios à resenha descritiva. Na resenha científica, no entanto, caberiam todos os itens:

- a)** referência bibliográfica, conforme ABNT;
- b)** informações sobre o autor;
- c)** detalhamento das ideias principais;
- d)** conclusões do autor;
- e)** quadro de referência: modelo e método utilizados;
- f)** julgamento da obra: como ela se apresenta em relação a outras obras do gênero;
- g)** mérito da obra: contribuição, originalidade das ideias e nível de ampliação dos conhecimentos;
- h)** estilo e nível de linguagem;
- i)** forma: disposição das ideias;
- j)** público alvo.

Temos, pois, três possibilidades: a resenha crítica, a resenha descritiva e a resenha temática. A primeira, como vimos, exige erudição. Sendo assim, como trabalho acadêmico é mais cabível nos cursos de pós-graduação, no processo de realização das monografias. Aliás, uma resenha crítica bem acabada pode converter-se num pequeno artigo científico, gênero sobre o qual trataremos na próxima aula. A resenha descritiva seria mais adequada à graduação: por um lado, está próxima do fichamento, por outro, inevitavelmente apontará o caminho do acadêmico para a resenha crítica. A resenha temática, por fim, é mais livre, embora seja mais profunda de acordo com o conhecimento que o resenhista tenha sobre o tema tratado, mas ela é compatível com qualquer nível de ensino.

Fazer uma resenha, portanto, não é muito difícil, mas devemos tomar muito cuidado, pois, dependendo da forma como se posiciona e do local de publicação, o resenhista pode fazer um livro ou um cd mofarem nas prateleiras ou transformar um filme ou uma peça de teatro em um verdadeiro fracasso.

As resenhas podem, também, funcionar como ótimos guias para os apreciadores da arte em geral e, sob o ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, ser uma ferramenta essencial para estudantes que precisam selecionar quantidades enormes de conteúdo em um tempo relativamente pequeno.

Agora, que tal colocar a mão na massa e começar a produzir suas próprias resenhas?



Observe se a resenha a seguir contempla todos os elementos destacados (da letra “a” até a “j”) ao longo do tópico anterior desta aula. Identifique cada um desses elementos no texto e indique quais os elementos que não estão presentes.



CARTAS DE IWO JIMA

Vinicius Vieira

Acabei de ler a minha crítica do filme “A Conquista da Honra” e lá para o final do texto eu comento que Clint Eastwood fez um filme tecnicamente muito acima da média, e é exatamente isso que me fez esperar com tanta apreensão o filme “Cartas de Iwo Jima”, já que parecia, para mim, que ali estava um passo a mais nessa média, e por sorte é isso que acontece.

Para quem não sabe, “Cartas de Iwo Jima” poderia ser considerado o filme irmão de “A Conquista da Honra”, enquanto esse mostrava os Estados Unidos atacando a importante ilha japonesa, o outro nos joga do lado nipônico tentando se defender, em uma missão fadada a derrota, onde eles tinham um número absurdamente menor de homens (22 mil contra os mais de cem mil americanos), sem apoio marítimo nem aéreo, apenas alguns poucos tanques, e a honra de morrer pelo solo de seu país.

E a palavra do filme é essa mesmo, honra, muito mais que no outro filme, e Eastwood sabe disso, com isso conseguindo fazer um filme contundente, emocionante e acima de tudo heróico, que por pouco, não faz o outro se tornar dispensável.

A verdade é que depois de ver o lado japonês da batalha, você acaba se perguntando até onde os Estados Unidos mereciam tomar a ilha à custa de tantas mortes, em uma guerra que estava fadada a acabar, e ainda, até onde os japoneses mereciam ser exterminados (foram quase 21 mil mortes), já que estavam ali defendendo um princípio, uma vida e, como eu já disse acima, suas honras.

O diretor parece fazer um filme mais cuidadoso em relação a “A Conquista”, mais preocupado com seu andamento, criando um filme mais lento, que desenvolve muito melhor os personagens, lhes dá mais profundidade, e no final das contas te faz se identificar muito mais com eles.

Mesmo quando o ataque começa, você não vê qualquer correria, o que você vê é uma quantidade sem número de jovens acuadas, esperando pela morte certa, seus desesperos e suas dúvidas, e graças à habilidosa direção e o ótimo roteiro escrito por Paul Haggis (“Crash” e “A Conquista da Honra”) e Íris Yamashita, o filme não perde o ritmo, e você percebe que está vendo um filme de guerra diferenciado, muito mais focado no que acontece do lado de dentro dos uniformes.

E novamente, o que salta aos olhos é a parte técnica do filme, principalmente a fotografia de Tom Stern, colaborador usual do diretor, que faz um trabalho a milhas de distância de qualidade do filme “irmão”, ele cria um tom apagado, meio lavado e velho, quase sépia em alguns momentos, quase preto e branco em outros, criando uma experiência visual única.

O outro ponto alto da fotografia é algo que, em parceria com o diretor, sempre gostou de fazer (mas que foi um pouco esquecida em “A Conquista”), mostrar como as vezes a ausência de luz pode ser bem tratada, de uma hora para outra você dá de cara com cenas onde a tela é totalmente tomada pela escuridão, com a luz mostrando exatamente como é participar de uma guerra de dentro de uma caverna, sensacional.

Clint Eastwood só esbarra na hora de levar algumas cenas que poderiam ter menos cortes, americanizando um pouco demais a levada do filme, talvez com medo de tornar o filme menos popular ainda nos Estados Unidos (além da fotografia diferenciada para os padrões, o filme ainda é falado em japonês), algo que com certeza vai agradar os espectadores mais normais, mas que fará uma minoria torcer o nariz, que como eu, pode se incomodar um pouco com isso, além do modo “Titanic” da narração (grupo de pesquisa descobre alguma coisa no começo do filme, ele recua ao passado, e ao final volta ao presente para mostrar o tal achado) que imbeciliza um pouco o público.

Mas sem sombra de dúvida nenhuma, “Cartas de Iwo Jima” é muito melhor que “A Conquista da Honra” e mostra todo poder do diretor que, como poucos, hoje sabe contar uma história e vai se superando a cada vez que vai para trás das câmeras.

Título Original: Letters from Iwo Jima

Gênero: Drama

Duração: 140 min.

Ano: EUA – 2006

Distribuidora: Warner Bros./Paramount Pictures

Direção: Clint Eastwood

Roteiro: Iris Yamashita

Site Oficial: <www.iwojimathemovie.warnerbros.com/lettersofiwojima>.

Fonte: <<http://www.cranik.com/iwojima.html>>. **Acesso em:** 2 mar. 2009.

Leituras complementares

COMO elaborar uma resenha. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/gpt/resenha.php>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

No site anterior, você encontra uma boa orientação sobre a elaboração de resenhas e alguns exemplos bastante interessantes.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Esse livro também é muito interessante, pois foi elaborado para quem estuda sozinho, tem vários exemplos de resenha e você elabora uma resenha passo a passo ao longo de sua leitura.



Resumo

Nesta aula, vimos em que se constitui o gênero resenha e os seus diferentes tipos, observando também os passos que levam à elaboração de cada um desses tipos de resenha, desde indicações sobre os elementos básicos até um esquema que contempla não só os tópicos fundamentais de uma resenha mais simples até os fatores críticos de uma resenha mais complexa e profunda.



Autoavaliação

1. Elabore uma resenha descritiva sobre o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, disponível em qualquer boa locadora. É um filme bem antigo, mas muito interessante, que discute, de forma bem humorada, aspectos ligados à modernidade e ao trabalho.

Título Original: Modern Times

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1936

Estúdio: United Artists / Charles Chaplin Productions

Distribuição: United Artists

Direção: Charles Chaplin

Roteiro: Charles Chaplin

Produção: Charles Chaplin

Música: Charles Chaplin

Fotografia: Ira H. Morgan e Roland Totheroh

Direção de Arte: Charles D. Hall e J. Russell Spencer

2. Elabore uma resenha temática sobre “O riso no cinema”. Para isso:
 - a) Agrupe algumas das comédias de que você mais gosta.
 - b) Pesquise sobre a natureza do riso.
 - c) Pesquise sobre a presença do riso no cinema.
 - d) Construa seu texto seguindo os passos indicados para esse tipo de resenha.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação:** noções práticas. São Paulo: Atlas, 1997.

CUNHA, Diva. **Canto de página.** Natal: Clima, 1986.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 1990.

GAZOLA, André. **Como fazer uma resenha.** Disponível em: <<http://www.lendo.org/como-fazer-uma-resenha/>>. Acesso em: 2 mar. 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

MEDEIROS, João Bosco. Resenha. In: _____. **Redação científica:** a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 158-180.

Anotações



Ministério
da Educação

